

**Jamer Guterres de Mello**

**Alexandre Rocha da Silva (*in memoriam*)**

Universidade Anhembi Morumbi / Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

## Critical semiotics: the visible and the enunciable

This paper is part of the non-hermeneutic theories within communication studies, focused on the study of the agencies that produce the signs from which communication becomes an event. The general purpose is to critically demonstrate the extent to which semiotics theories, rethought in the light of Michel Foucault, can contribute for the recognition of the ways in which Communication field of studies becomes expressible, in one hand, and becomes visible, in the other hand. In its methodological proposition, this text presents an archeology of the concepts of communication from the devices that make them visible and/or enunciable. It is possible to recognize that visibility and enunciability regimes do not develop always in the same temporality. On the contrary, each one of them create specific series that occasionally intersect each other, producing something rare: in the first instance, a communication event, and subsequently, its institutionalization.

### Keywords

Statement. Discourse. Visible. Enunciable. Critical Semiotics.

## Semiótica crítica: o visível e o enunciável

**Este artigo insere-se no campo das teorias da comunicação não-hermenêuticas voltadas aos estudos dos agenciamentos que produzem os signos a partir dos quais a comunicação se torna acontecimento. Tem o propósito geral de demonstrar criticamente em que medida as teorias semióticas, repensadas à luz de Michel Foucault, podem contribuir para que se reconheçam os modos como o campo da comunicação, por um lado, enuncia-se e, por outro, torna-se visível. Em sua proposta metodológica, este texto apresenta uma arqueologia dos conceitos de comunicação a partir dos dispositivos que os tornam visíveis e/ou enunciáveis. É possível reconhecer que os regimes de visibilidade e dizibilidade não se desenvolvem sempre na mesma temporalidade. Pelo contrário, eles criam séries que lhes são específicas e que, ocasionalmente, se cruzam produzindo algo raro: o acontecimento comunicativo, em uma primeira instância, e sua subsequente institucionalização.**

### Palavras-chave

**Comunicação; Discurso; Visível; Enunciável; Semiótica Crítica.**

## O visível e o enunciável nas teorias da comunicação

A proposta de uma Semiótica Crítica (GPESC, 2020) desenvolveu-se a partir de um projeto de pesquisa<sup>1</sup> mais amplo que busca problematizar os estudos semióticos da comunicação contemporâneos, a partir de três aspectos: as materialidades da comunicação, o acontecimento e as micropolíticas. Originalmente inspirada na proposição de Ciro Marcondes Filho de uma Semiologia Crítica apresentada em *O escavador de silêncios* (2004) para designar o trabalho de autores como Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault – aos quais acrescentamos Bruno Latour, Alain Badiou, Antonio Negri e Félix Guattari –, herdeiros da tradição semiológica europeia e que realizaram criticamente o propósito saussuriano de pensar o signo no seio da vida social, confere à semiose um caráter que supera a perspectiva antropomórfica da *vida social* em direção a uma espécie de programação pós-humana da vida realizada materialmente tanto por agenciamentos coletivos de enunciação quanto por maquínicos do desejo.

Neste texto, retomamos da obra de Michel Foucault (1926-1984) suas reflexões acerca do visível e do enunciável para problematizar os limites do que é dito e do que é visto no escopo das chamadas teorias da comunicação. O pensamento de Michel Foucault, mais especificamente sua investida sobre os sistemas de pensamento – a teoria do enunciado e a análise das formações discursivas – permite perceber algumas interseções com o campo da comunicação. No livro *A Arqueologia do Saber* (2010), lançado originalmente em 1969, considerado por muitos comentaristas de Foucault como uma reflexão teórico-metodológica de suas obras anteriores (*A História da Loucura*, de 1962, *O Nascimento da Clínica*, de 1963 e *As Palavras e as Coisas*, de 1966), o autor francês se debruça sobre a história das ideias, do pensamento, da filosofia e das ciências, sobre o campo das disciplinas que ele mesmo define como indecisas em seu conteúdo e incertas de suas fronteiras (Foucault, 2010). No escopo deste estudo, este é também o caso da comunicação e de suas teorias.

O interesse específico de Foucault é investigar como se organiza aquilo que se cristalizou em uma determinada época como visível e enunciável. O autor considera que o documento não é algo neutro, mas antes fruto de um efeito de poder das sociedades históricas a fim de conservar determinadas memórias do passado. Uma questão é levantada por Foucault: quais formações discursivas são retidas ou excluídas, quais as formas e os limites do visível e do enunciável que surgem em uma determinada época e como se confrontam os poderes institucionais que detêm o controle dos chamados regimes de visibilidade e de dizibilidade? Para os nossos propósitos, conviria perguntar a partir de qual episteme a comunicação pode ser compreendida como uma ação em comum, de compartilhamento de consciências; como um dispositivo de produção de diferenças; como uma tensão localizada nas fronteiras entre dois sistemas diversos, por exemplo. Cada perspectiva dá a ver os limites dentro dos quais operamos para o desenvolvimento das teorias da comunicação.

1. O projeto de pesquisa *Semiótica Crítica: por uma teoria das materialidades da comunicação*, coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva, desenvolveu-se de 2014 a 2021 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS), com apoio do CNPq.

Segundo Gilles Deleuze (2005), entretanto, a arqueologia foucaultiana não procura apenas dar conta de uma reflexão ou um método geral das ciências, mas antes provoca uma reação, uma dobra ou um novo olhar sobre seus livros anteriores, propondo “uma distinção entre duas espécies de formações políticas, as ‘discursivas’ ou de enunciados e as ‘não-discursivas’ ou de meios” (Deleuze, 2005, p. 40). O autor também afirma que são formações heterogêneas que se localizam uma dentro da outra, nas quais os meios produzem enunciados na mesma medida em que os enunciados também produzem meios (Deleuze, 2005).

Uma questão radical da proposta metodológica desenvolvida por Foucault (2010) que guarda uma relação bastante fértil com a comunicação é sua insistência pelo abandono, mesmo que de forma inicial e superficial, do jogo de noções que diversificam o tema da continuidade. Sua aposta nos conceitos de descontinuidade, de ruptura, de limiar, de limite, de série e de transformação ao problematizar teoricamente as análises históricas questionando as sínteses concretas, os agrupamentos e unidades aceitos sem qualquer exame, as conexões cuja validade é reconhecida *a priori*, nos parece uma grande contribuição para considerar o campo da comunicação como unidade variável e relativa. A comunicação, assim, pode ser considerada como uma formação discursiva que depende da relação com outras formações e que implica meios não-discursivos como instituições, práticas e processos políticos e econômicos. Há uma certa radicalidade em considerarmos a comunicação sob este ponto de vista, uma vez que ela perde sua evidência como campo produzido na linearidade de uma história (tradicional) e já não remete mais a si mesma de forma circular e circunscrita, pois só se constrói a partir de um conjunto complexo de discursos.

Essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. Não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas; definir em que condições e em vista de que análises algumas são legítimas; indicar as que, de qualquer forma, não podem mais ser admitidas (Foucault, 2010, p. 28).

É, portanto, desta maneira que enxergamos o campo da comunicação, ou seja, como uma construção a partir da qual sua estrutura, sua sistematicidade, suas transformações são constituídas pelo “conjunto de todos os enunciados efetivos (que tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um” (Foucault, 2010, p. 30).

Outra questão que nos parece pertinente ser investigada em função da comunicação e explorada em outros termos por Foucault é o pensamento sistematizado sobre as relações que podem ser legitimamente descritas entre os enunciados e que são produzidas por seu agrupamento em uma determinada unidade. Trata-se de um sistema de regularidades.

Soa um pouco estranho e redundante afirmar, na esteira de Foucault, uma necessidade de reconhecer que a comunicação demanda uma teoria que “não pode ser elaborada sem que apareça, em sua pureza não sintética, o campo dos fatos do discurso a partir do qual são construídas” (Foucault, 2010, p. 29). É claro, não se trata de elaborar uma

nova teoria sobre aquelas já existentes, mas de repensar as teorias da comunicação em meio às suas transformações mais evidentes e, como sugere Foucault, em uma suspensão imediata de suas formas de continuidade. Ou melhor, pensar de que maneira uma população de acontecimentos no espaço do discurso geral da comunicação pode contribuir para sua teorização.

### Um projeto foucaultiano para a comunicação

Enquanto um primeiro exercício reflexivo (e desafio analítico) tomamos uma problemática recorrente nos estudos de comunicação: o papel desempenhado pela consciência. Luiz Martino (2001) defende a tese de que a comunicação ocorre quando há compartilhamento de consciências. Umberto Eco (2008), por sua vez, defende a tese de que é o código que nos permite comunicar: não somos nós que falamos por livre e espontânea vontade, é ele que nos fala. De Martino a Eco há uma evidente mudança de perspectiva epistêmica; porém, à luz da semiótica crítica, poderíamos dizer que o desafio que se coloca para o campo é outro. O paradigma da consciência que sucedeu o paradigma da autoridade incontestada de Deus se realizou concretamente desde a Revolução Francesa. Porém, desde o século XIX, com as críticas de Nietzsche ao império da consciência (reinvenção de Deus depois de decretada sua morte), o materialismo de Marx, que demonstrou que a consciência é um efeito dos processos de produção e não uma entidade idealista e autônoma, e das descobertas de Freud sobre o inconsciente, o paradigma da consciência perdeu seu poder explicativo a respeito dos atos de comunicação. Parece-nos urgente a elaboração de um modelo que contemple tudo o que se tornou visível e tudo o que se pôde enunciar a partir de Nietzsche, Freud e Marx.

Assumir para a comunicação o projeto foucaultiano de descrição do campo dos acontecimentos discursivos como horizonte para as teorias da comunicação, na busca das diferentes unidades que aí se formam, configura um desafio importante: renunciar a uma análise alegórica em relação ao discurso – aquela que tenta desvendar o conteúdo do que é dito – para assumir então uma análise do campo discursivo compreendendo os enunciados em suas singularidades, estabelecendo as condições de sua existência. De fato, estudar as formações discursivas exige uma dupla redução. Em primeiro lugar, colocar em suspensão as reivindicações de *verdade* dos atos discursivos (redução fenomenológica) e, num segundo momento, suspender as reivindicações do *significado* dos atos discursivos (Dreyfus e Rabinow, 1995, p. 55).

Mas não se trata, aqui, de neutralizar o discurso, transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria (Foucault, 2010, p. 53).

Com essa dupla redução, Foucault permanece em uma posição neutra em relação à noção de verdade e cria, assim, a possibilidade de uma descrição pura dos acontecimentos discursivos (Dreyfus e Rabinow, 1995, p. 56). Todavia, não é nosso objetivo interpretar ou formalizar o conjunto de assertivas a respeito da comunicação cujas pretensões à verdade tenham sido verificadas em determinado período ou que tipo de atualizações sofreram os diferentes conjuntos de enunciados das teorias da comunicação no

decorrer do tempo. Provavelmente incorreríamos, assim, no mesmo fracasso descrito por Foucault em *A Arqueologia do Saber* (2010) em quatro hipóteses diferentes na tentativa de descrever isoladamente as relações entre os enunciados, tomando como base os temas discutidos em seus livros anteriores. O autor produz uma elaboração teórica que questiona as unidades preestabelecidas do domínio indefinido, monótono e abundante do discurso, sem contestar o valor ou proibir o uso de tais unidades, mas antes problematizando-as ao sobrepor uma outra categoria de unidades menos visíveis e mais abstratas.

Os conjuntos de enunciados formaram diferentes discursos em diferentes épocas, porém estão longe de se relacionar com um único objeto. Eis uma das problemáticas da comunicação: não ter um objeto formado de maneira definitiva, que possa ser conservado indefinidamente como um horizonte idealizado e de forma inesgotável no sistema de pensamento. Portanto, não há uma única unidade válida para construir um discurso ou um conjunto de enunciados referente à comunicação e suas teorias. Poderia haver, no entanto, ou ao menos serem descritos de tal maneira, grupos de enunciados acerca da comunicação que têm um único e mesmo objeto: os discursos sobre o rádio ou sobre a televisão, por exemplo. Porém, cada um desses conjuntos discursivos constitui, por sua vez, seu objeto específico elaborado e transformado inteiramente pelos seus próprios enunciados.

Da mesma forma poderíamos imaginar um tipo específico de encadeamento entre os enunciados que demarcariam a unidade da comunicação. Porém, é necessário admitir que as relações entre os enunciados que definiriam a comunicação são profundamente assinaladas por alterações e não obedecem a uma sistematização demarcada e submetida a uma simples repetição no decorrer do tempo. Se assim fosse possível, tão logo o campo da comunicação seria encerrado em um pequeno conjunto de enunciados, de sistemas e códigos sem a multiplicidade de discursos que torna a comunicação um amplo campo teórico do conhecimento. Seria possível ainda estabelecer diferentes grupos de enunciados que poderiam criar relações em um determinado sistema de conceitos permanentes, cujo conteúdo e uso poderiam ser reconhecíveis dentro do campo da comunicação. Seria uma hipótese bastante pertinente, pois definiria as relações entre os enunciados a partir de uma arquitetura conceitual própria do campo, mas haveria um problema de limitação deste sistema de conceitos. Ora, é evidente que há uma heterogeneidade, não só nos conceitos utilizados na comunicação, mas também na forma como são empregados.

Não buscaríamos mais, então, uma arquitetura de conceitos suficientemente gerais e abstratos para explicar todos os outros e introduzi-los no mesmo edifício dedutivo; tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão (Foucault, 2010, p. 40).

Uma última opção seria o reconhecimento de uma identidade e uma recorrência de temas relativos à comunicação que descreveriam o reagrupamento dos enunciados, de seu encadeamento e explicariam suas formas unitárias. Haveria uma temática geral, passível de ser identificada e que externaria tais relações de enunciados. Ao analisar a teoria evolucionista, Foucault observa que em diferentes épocas, apesar de tratar-se do mesmo tema – o evolucionismo – havia diferentes discursos (Foucault, 2010,

p. 40-41). Assim, o autor conclui que a busca por temas e princípios de individualizações de um discurso seria mais indicada na dispersão dos pontos de escolha como um campo de possibilidades estratégicas.

Portanto, a ideia foucaultiana de descrever sistemas de dispersão e então detectar uma possível regularidade, “uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas” (Foucault, 2010, p. 42) também serve para o nosso caso, o da comunicação. Se não existe uma maneira evidente e exitosa de descrever as relações entre os enunciados que formam a comunicação isoladamente em cada um dos termos descritos – de um objeto referencial, único e específico; de modalidades enunciativas descritas a partir de um sujeito; de um sistema de conceitos comum aos jogos enunciativos do campo; e de uma identidade estratégica de temas, uma materialidade – também não podemos suspendê-las de imediato. Ou seja, é o conjunto de todas essas hipóteses que possibilita uma descrição das características da função enunciativa ajustada à análise das formações discursivas e dos dispositivos que tornam a comunicação ora visível e/ou enunciável ora fora da ordem do discurso.

Foucault define então um sistema de formação, ou melhor, um conjunto de regras para uma formação discursiva: um sistema complexo de relações que definem “o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia” (Foucault, 2010, p. 82). Em outras palavras, define uma individualização dos conjuntos discursivos e os distribui a partir de uma multiplicidade aparentemente irreduzível em quatro grupos distintos: objetos, enunciações, conceitos e estratégias. Para tanto, utiliza uma massa de elementos numerosos, dispersos e heterogêneos entre si. Sobre este aspecto, Foucault afirma que uma formação discursiva é

o sistema de regras que teve de ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse, tal enunciação nova aparecesse, tal conceito se elaborasse, metamorfoseado ou importado, tal estratégia fosse modificada – sem deixar de pertencer a esse mesmo discurso; e o que delinea, também, é o sistema de regras que teve de ser empregado para que uma mudança em outros discursos (em outras práticas, nas instituições, relações sociais, processos econômicos) pudesse ser transcrita no interior de um discurso dado, constituindo assim um novo objeto, suscitando uma nova estratégia, dando lugar a novas enunciações ou novos conceitos. Uma formação discursiva [...] determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais (Foucault, 2010, p. 83).

Tal diversidade de séries temporais nos permite refutar a tese defendida por Vera França (2011) de que a comunicação tem necessariamente uma existência sensível. Embora não seja esta a perspectiva da autora, a redução da comunicação a uma perspectiva empírica nos impede de reconhecer com clareza todas essas articulações em dispersão de que nos fala Foucault.

Deleuze, em outra direção, reforça com veemência aquela que considera ser uma das principais características dos enunciados, sua multiplicidade (2005, p. 24-25). Para Deleuze, Foucault proporciona um avanço decisivo na teoria das multiplicidades através de sua arqueologia. A singularidade dos enunciados e sua função como sujeito evidenciando regularidades, mostra a potência da multiplicidade que, segundo Deleuze (2005), é topológica e não axiomática ou tipológica.

De fato, a multiplicidade tem um papel essencial na proposta metodológica de Foucault, pois a um só tempo faz com que o enunciado não opere como um elemento oculto e secreto a ser descoberto ou, por outro lado, como algo imediatamente visível e manifesto como uma estrutura gramatical. “O saber não é ciência, nem mesmo conhecimento; ele tem por objeto as multiplicidades anteriormente definidas, ou melhor, a multiplicidade exata que ele mesmo descreve, com seus pontos singulares, seus lugares e suas funções” (Deleuze, 2005, p. 30).

Ao avançarmos na reflexão na direção de uma Semiótica Crítica, podemos pensar via Hjelmslev em uma teoria das multiplicidades na qual as “formações discursivas” são formas de expressão e as “formações não-discursivas” são formas de conteúdo (Machado, 2009). Assim, o saber pode ser constituído por um conteúdo e uma expressão, cada um deles tendo uma forma e uma substância. Em outros termos, na esteira de Roberto Machado, o saber (o ver e o falar) pode ser considerado como um agenciamento, como um dispositivo de enunciados e visibilidades (2009, p. 165). De fato, “o agenciamento distingue uma forma de expressão, na qual ele aparece como agenciamento coletivo de enunciação, e uma forma de conteúdo, na qual ele aparece como agenciamento maquínico de corpos” (Machado, 2009, p. 165).

Foucault indica algumas condições que não são suficientemente necessárias para haver enunciado: uma estrutura proposicional definida e uma estrutura linguística das frases. Portanto, o enunciado não está diretamente ligado a uma proposição, a uma frase, nem mesmo a um ato “ilocutório” (*speech act*). Deleuze (2005) desenvolve também um pensamento detalhado sobre a formação discursiva proposta por Foucault, mais especificamente sobre esta distinção entre os enunciados e a antiga preocupação dos arquivistas<sup>2</sup>: as proposições e as frases. Segundo o autor, um enunciado é uma função que atravessa tais unidades linguísticas num sentido diagonal, pois “as proposições remetem verticalmente a axiomas de nível superior, que determinam as constantes intrínsecas e definem um sistema homogêneo” (Deleuze, 2005, p. 17).

Longe de serem sínteses de palavras e de coisas, longe de serem composições de frases e de proposições, os enunciados, ao contrário, são anteriores às frases ou às proposições que os supõem implicitamente, são formadores de palavras e objetos (Deleuze, 2005, p. 24).

2. Foucault era avesso e irreduzível às interpretações e às formalizações, técnicas metodológicas até então empregadas pelos arquivistas.

O enunciado, ao contrário das proposições e das frases, não exige uma construção linguística regular. O enunciado não é, portanto, “nem uma enunciação, nem uma proposição, nem uma entidade psicológica ou lógica, nem um acontecimento ou uma forma ideal” (Dreyfus e Rabinow, 1995, p. 50). Mais do que isso, o enunciado é inerente a um espaço de raridade. Para Deleuze:

[...] cada enunciado é inseparável de uma multiplicidade “rara” e regular ao mesmo tempo; cada enunciado é uma multiplicidade: uma multiplicidade e não uma estrutura ou um sistema. Topologia dos enunciados, que se opõe à tipologia das proposições e à dialética das frases (Deleuze, 2005, p. 18).

Aqui, pois, percebe-se com clareza por que as ciências da comunicação não podem ser reduzidas a uma perspectiva empírica: a toda manifestação subjazem operações estruturais que as formam a partir de um dado diagrama de forças. A comunicação pensada fora desse diagrama abdica justamente daquilo que, neste artigo, insistimos seja objeto de estudo seu: os agenciamentos que permitem que algo seja dito ou visto.

Além disso, Deleuze afirma que Foucault funda uma nova pragmática ao delimitar com extrema precisão a distinção entre os enunciados e o sistema de frases e proposições. A regularidade e a multiplicidade dos enunciados dão condições a essa afirmação, na medida em que os sujeitos, os objetos e os conceitos tornam-se funções derivadas dos enunciados. Portanto, “o que parece acidente, do ponto de vista das palavras, das frases e das proposições, torna-se regra, do ponto de vista dos enunciados” (Deleuze, 2005, p. 21).

As frases e as proposições formam um sistema homogêneo, com caráter axiomático e pertencem ao domínio da estrutura. Considerar as formações históricas enquanto multiplicidades é reconhecer o caráter primitivo e anônimo do enunciado. Com efeito, em comparação às frases e às proposições, os enunciados constituem um campo relativamente autônomo, afastado de um contexto de atos discursivos cotidianos.

### A expansão dos limites discursivos e a comunicação

Vale destacar ainda a importância da função enunciativa para a arqueologia foucaultiana, pois aqui há também uma relação direta com a comunicação. Um dos objetivos de Foucault é tornar preciso o objeto da descrição arqueológica, o campo de exercício da função enunciativa. Ou seja, é importante para o autor evidenciar as condições, o campo de realização e as regras que determinam a relação entre o enunciado e o que ele enuncia. Tal relação é importante porque difere daquela entre um significante e seu significado, entre uma frase e seu sentido, entre uma palavra e o que ela designa. É mais do que uma relação gramatical, lógica ou semântica, trata-se de uma relação que (a) envolve sujeito, (b) atravessa a história e (c) envolve a própria materialidade do enunciado. Evidentemente a relação entre o enunciado e um sujeito que o enuncia não se reduz a elementos gramaticais, mas a uma figura discursiva. Eis aqui expresso o escopo de uma Semiótica Crítica.

Inútil procurar o enunciado junto aos grupamentos unitários de signos. Ele não é nem sintagma, nem regra de construção, nem forma canônica de sucessão e de permutação, mas sim o que faz com que existam tais conjuntos de signos e permite que essas regras e

essas formas se atualizem. Mas se as faz existirem, é de um modo singular que não se poderia confundir com a existência dos signos enquanto elementos de uma língua, nem tampouco com a existência material das marcas que ocupam um fragmento e duram um tempo mais ou menos longo. É esse modo singular de existência, característico de toda série de signos, desde que seja enunciada, que se trata agora de questionar (Foucault, 2010, p. 99).

As frases e as proposições são da ordem das performances verbais ou das performances linguísticas, enquanto os enunciados são da ordem das formulações, dos atos performativos. Isso equivale a dizer que as frases e as proposições são conjuntos de signos produzidos pelas regras lógicas ou gramaticais de uma língua e os enunciados são as formas de existência desses conjuntos de signos. Pode-se dizer, portanto, que a língua e o enunciado não estão no mesmo plano de manifestação. O enunciado está na dimensão do discurso e, assim, não pode ser reduzido a esquemas dicotômicos como verdadeiro ou falso (Foucault, 2006).

As frases e as proposições são formadas, como vimos, pelas regras do sistema da língua e podem ou não vir a formar enunciados, segundo sua função enunciativa. A função enunciativa, em Foucault, é o que transforma enunciado e discurso em algo para além do senso comum na comunicação. Foucault determina essa distinção (na oposição com a linguística) em função de terminologia e vocabulário, mas poderíamos ir além, pensando aqui a comunicação e a elaboração das teorias que a delimitam.

Na arqueologia foucaultiana, enunciado e discurso têm seus limites expandidos. O autor não dá uma ênfase detalhada a este tema, pois assume uma determinada intenção anterior a uma análise exaustiva da linguagem, mas identificamos aqui um aspecto que, se não é primordial em seus ínfimos termos, é passível de ser esclarecido à luz das teorias da comunicação. Os termos enunciado e discurso, quando tomados como formulações, emergência de signos passíveis de serem demarcados no espaço e no tempo, produzem acontecimento (Foucault, 2010).

Se, para o senso comum da comunicação, enunciado e discurso são limitados a uma função de sentido e de origem, ou seja, à formulação lógica ou gramatical de determinados elementos linguísticos, com Foucault assumem novas conformações, aquelas em que as frases e as proposições são produzidas por um sujeito determinado por condições institucionais (sócio-históricas) que determinam a possibilidade de se tornem enunciados.

O olhar de Michel Foucault à comunicação remete à nossa teoria do acontecimento. Uma enunciação inicialmente linguística articula-se com acontecimentos outros, não diretamente discursivos, como são os fatos técnicos, econômicos, sociais, políticos, práticos, etc., constituindo juntos um processo comunicacional. A pesquisa foucaultiana buscaria, assim, estudar o aparecimento desses enunciados, sua manutenção, os laços que estabelecem entre si, a forma pela qual podem ser reunidos em um conjunto, o papel que eles exercem, os valores que os afetam, a forma como são investidos em condutas, o princípio segundo o quais circulam (Marcondes Filho, 2007, s/p).

A formação discursiva diz respeito ao plano geral das coisas ditas no nível específico dos enunciados e isso acontece nos quatro domínios citados anteriormente: formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos, formação das escolhas estratégicas (Foucault, 2010). A descoberta de Foucault em relação ao discurso é, em certa medida, definir a sua formação em um

nível de ressonância com as regularidades que o caracterizam, afastando-o do nível gramatical das frases ou lógico das proposições. A dimensão do discurso é, portanto, assim como o campo da comunicação, afastada de uma arquitetura dedutiva.

A partir destas formulações, Foucault procura estabelecer, no interior de sua metodologia arqueológica, quais as relações de dependência entre o enunciado e o arquivo. Sua busca toma como base a maneira pela qual o enunciado pode se ajustar à análise das formações discursivas. Para tanto, foi necessário definir o que é um enunciado, quais são as principais características da função enunciativa e, por fim, elevar a descrição dos enunciados a um nível teórico. Assim, o autor chega a desenvolver uma sistematização das diferentes características do enunciado: *raridade*, *exterioridade* e *acúmulo*. Com efeito, este procedimento resume a maneira pela qual Foucault consegue articular as relações entre os principais conceitos de sua obra: enunciado, formação discursiva e arquivo.

É a articulação dessas relações que determina as condições de emergência dos enunciados, de que forma se nota a coexistência entre eles, seus modos específicos de apresentação, sua manifestação, suas transformações e seu desaparecimento. Contudo, trata-se de um conjunto de regras que caracterizam as práticas discursivas, passíveis de serem descritas em seus termos particulares, em uma determinada historicidade. Em diferentes épocas, oriundos de diferentes tipos de sujeitos, os enunciados podem ter relações específicas, podem dizer a mesma coisa de formas diferentes, podem se encontrar em mesmos níveis ou mesmos campos de enunciação.

Foucault determina um conceito mais amplo, o arquivo, que coloca em jogo os demais envolvidos na arqueologia: enunciado, discurso (conjunto de enunciados), função enunciativa, formações discursivas.

Ao invés de vermos alinharem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo (Foucault, 2010, p 146).

O arquivo acaba sendo definido de diferentes formas e determina, num primeiro plano, o sistema que regula a dispersão dos enunciados como acontecimentos singulares. Mais do que isso, o arquivo, para Foucault, é o próprio sistema de funcionamento do visível e do enunciável, é o que determina tanto as formas de enunciabilidade quanto os modos de visibilidade, no seio do enunciado-acontecimento. Logo, o acontecimento pode ser concebido como objeto de estudo da comunicação, justamente por colocar em relação tanto os agenciamentos quanto suas manifestações. O avanço do método arqueológico de Foucault em relação ao estruturalismo corresponde aos desafios que a Semiótica Crítica tem em relação aos estudos semióticos canônicos. A descrição dos enunciados na Semiótica Crítica não busca um sentido secreto destes enunciados, pois não os considera como mínimas unidades de constituição do discurso. Antes disso, trabalha com as descontinuidades do discurso e com as singularidades dos enunciados para alcançar uma importante tarefa: definir as condições nas

quais se tornou possível a realização do enunciado, as condições que lhe dão uma existência específica. Assim também é a comunicação: determina um conjunto de objetos, um jogo de posições possíveis, um elemento em um campo de coexistências, uma materialidade repetível.

A Semiótica Crítica, sob a influência de Foucault, propõe uma descrição histórica que se afasta da Hermenêutica, no sentido em que compreende o acontecimento não mais

pelo jogo de causas e efeitos, para encontrar estruturas que, em última análise, são estranhas ao próprio acontecimento; [...] Foucault fala em séries diversas, entrecruzadas, amiúde divergentes, mas não autônomas, que circunscrevem o lugar de sua ocorrência, seu acaso, as condições de seu aparecimento (Marcondes Filho, 2007, s/p).

É possível então afirmar que o acontecimento é uma ideia central para a compreensão do visível e do enunciável na perspectiva da Semiótica Crítica. Sua análise busca determinar os enunciados em sua dispersão, em suas singularidades, para apreender sua capacidade de circulação no lugar e no momento de seu surgimento, afastado de uma historicidade transcendental. É aqui que Foucault identifica um efeito de *raridade* e uma ideia de *exterioridade* ao determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos de signos capazes de serem enunciados no limite que os separa daquilo que não está dito, no domínio que os faz surgirem à exclusão de todos os outros. Segundo Deleuze:

[...] a arqueologia concebida por ele é um arquivo audiovisual [...]. Foucault alegre-se em enunciar, e em descobrir os enunciados dos outros, somente porque ele também tem uma paixão de ver: o que o define é, acima de tudo, a voz, mas também os olhos. Os olhos, a voz. Foucault nunca deixou de ser um vidente, ao mesmo tempo que marcava a filosofia com um novo estilo de enunciado, as duas coisas num passo diferente, num ritmo duplo (Deleuze, 2005, p. 60).

O visível e o enunciável ou as práticas discursivas e as práticas não-discursivas seriam, segundo Deleuze (2005), os dois elementos de estratificação do saber. Ou, mais especificamente, da arqueologia foucaultiana. Para os nossos propósitos, seriam os problemas a serem enfrentados por uma Semiótica Crítica. Ambas as práticas se relacionam e se influenciam mutuamente e são formuladas pelos enunciados. A partir do conjunto de visibilidades, criam-se modos de ver e de fazer ver, enquanto da produção de dizibilidades surgem maneiras específicas de falar e fazer falar. Assim, a comunicação pode ser pensada como produto ou efeito do encadeamento e do entrecruzamento de práticas discursivas e não-discursivas. Tal dispositivo é considerado como produtor de realidades e se processa exatamente na multiplicidade de discursos cuja dinâmica pode ser apreendida no escopo de uma Semiótica Crítica.

#### Referências bibliográficas

Deleuze, Gilles (2005). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.

Dreyfus, Hubert; Rabinow, Paul (1995). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Eco, Umberto (2008). *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva.

Foucault, Michel (2006). *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

Foucault, Michel (2010). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

França, Vera Veiga (2011). O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: Hohfeldt, Antônio; Martino, Luiz C.; França, Vera Veiga (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 39-60.

GPESC – Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (2020). *Semiótica crítica e as materialidades da comunicação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Machado, Roberto (2009). *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Marcondes Filho, Ciro (2004). *O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação*. São Paulo: Paulus.

Marcondes Filho, Ciro (2007). Michel Foucault e a comunicação como acontecimento. *RuMoRes*. São Paulo, 1(1), 1-18.

Martino, Luiz C. (2011). De qual comunicação estamos falando? In: Hohfeldt, Antônio; Martino, Luiz C.; França, Vera Veiga (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 11-26.